

ALGUMAS OBSERVAÇÕES À ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Márcio Chaves-Tannús*

*"O que se perde em garantia de segurança dada pela Natureza** é compensado pelas vantagens de uma maior plasticidade. No animal humano não se desenvolve, como no urso, um revestimento de pelos que o resguardam do frio, com o resultado de, depois de muitas gerações, se adaptar aos rigores árticos. Ele aprende, sim, a fazer agasalhos e a construir uma casa de neve. Pelo que nos diz a história da inteligência nas sociedades pré-humanas, como nas humanas, esta plasticidade foi o húmus em que o progresso humano começou a crescer e em que se tem mantido vivo."*

Benedict (s/d): p. 17.

** A grafia e a acentuação, do original português, foram mantidas.

1. INTRODUÇÃO

Palavra composta, de origem grega, "antropologia" significa estudo, doutrina, ciência do homem.¹ O primeiro de seus componentes: "antropo" é derivado do grego "anthròpos" e significa homem.² O segundo: "logia" vem do grego "lógos" e significa palavra, estudo, tratado.³

O que, todavia, de fato ocor-

re é a existência de várias disciplinas todas elas denominadas "Antropologia". Há uma Antropologia Física, subdisciplina da Zoologia, que se interessa pelo corpo humano, e, em especial, pelos seus aspectos especificamente humanos. Há uma Antropologia Social, que se ocupa dos fenômenos característicos das sociedades dos homens.

* Professor do Departamento de Pedagogia/UFU.

1. Cf.: Brugger (62): p. 63 e Gehlen (76c): p. 7.

2. Cf.: Cunha (82): p. 55.

3. Ibid.: p. 480.

Há, também, uma Antropologia Cultural, que estuda as diversas culturas das diferentes comunidades humanas.⁴ Há ainda, finalmente, uma Antropologia Filosófica, tema deste trabalho.

As observações que seguem, sobre a Antropologia Filosófica, terão por base o exposto no trabalho de Arnold Gehlen intitulado: "Zur Geschichte der Anthropologie" (Para uma história da Antropologia), e incluído em seu livro "Anthropologische Forschung" (Pesquisa Antropológica).⁵

2. O Surgimento da Antropologia Filosófica.⁶

Gehlen situa no momento que para ele é o de origem da Antropologia Filosófica, no século XVII, mais precisamente na obra de Descartes, a fonte de dois fatos, que desde então marcaram profundamente a história da Filosofia.

O primeiro pode ser caracterizado como a emancipação da Filosofia relativamente à Teologia. Estas disciplinas, Descartes as separa, sem, todavia, contrapô-las mutuamente.⁷

O segundo é a divisão, ainda atual, das ciências em humanas e naturais. Esta divisão, decorrente de uma abordagem dualística do homem, tem suas raízes históricas na concepção cartesiana que afirma sermos seres espirituais habitando uma máquina biológica: nosso corpo. Mas se para Descartes a existência do espírito independe da do corpo,⁸ o mesmo não é verdade para a existência do corpo relativamente ao espírito: o funcionamento da máquina humana é inconcebível sem a interferência deste.⁹ Detalhe de importância máxima, pois distingue, embora Gehlen não o diga, a concepção do filósofo daquela subjacente à aludida divisão.

Frente a cada um destes dois fatos, Gehlen posiciona-se de maneira diversa. Para ele, a Antropologia Filosófica, sua produção própria inclusive, nasce da emancipação da Filosofia operada pela obra de Descartes. Do dualismo, porém, responsável pela divisão das ciências, ainda vigente, ele considera-se adversário.

De acordo com sua maneira de conceber-nos, os aspectos só-

4. Cf.: Gehlen (76c): p.p. 8-11.

5. Sobre a Antropologia Filosófica há uma excelente e ampla bibliografia em Mondin (83a): p. 70 e particularmente Mondin (83b): p.p. 22-3. Sobre a Antropologia, de uma maneira geral, há uma lista relativamente extensa, e bem selecionada, em Brugger (62): p.p. 64-5.

6. Para o conteúdo deste capítulo, cf.: Gehlen (76c): p.p. 12-4.

7. Cf.: Descartes (53a): p.p. 128 e 130.

8. Cf.: Descartes (53b): p. 324.

9. Ibid.: p. 276.

cio-cultural¹⁰ e biológico do homem, até então objetos de disciplinas diversas, e por elas estudados separada e independentemente um do outro, seriam manifestações complementares, e indissociáveis, de um mesmo fenômeno. Segundo ele, cada um destes aspectos é condição prévia indispensável à existência, e ao entendimento do outro.¹¹

3. A Importância de Scheler para a Antropologia Filosófica.¹²

Um passo decisivo em direção ao enfoque do homem, nos moldes em que a Antropologia Filosófica, um pouco mais tarde, o faria, foi dado por Scheler em seu último livro, publicado no ano de sua morte, e intitulado "Die Stellung des Menschen im Kosmos" (A Posição do homem no cosmos). Esta pequena obra de Max Scheler, filósofo alemão nascido em Munique a 22/08/1874, professor em Colônia a partir de 1919 e em Frankfurt em 1928, onde faleceu a 10/05 do mesmo ano¹³, muda o referencial, usualmente adotado, pela tradição filosófica ocidental, para o posicionamento do homem no universo. De fato: Scheler, para quem o homem é um ser dotado de espírito, que nega, portanto, a validade da posição materialista,

abandona, porém, em sua tentativa de determinar o lugar do homem no cosmos, o tradicional caminho cristão, caminho que procura entender o homem partindo de sua relação com Deus, criador todo poderoso, que o fez à sua imagem e semelhança.

Por um lado, seguindo a tradição oriunda da obra de Descartes, Scheler não só mantém, mas radicaliza mesmo a visão dualista do homem, na medida em que contrapõe, de maneira extrema, o que nele é espírito ao que é natureza.

Por outro, e este é um dos aspectos de sua obra que vieram a influenciar decisivamente a produção posterior da Antropologia Filosófica, ele procura compreender o homem comparando-o e distinguindo-os dos outros animais, para ele seres desprovidos de espírito.

De acordo com Scheler, o que é específico ao homem é a sua abertura para o mundo, sua plasticidade frente ao ambiente que o circunda, e, sobretudo, sua capacidade de existência moral.

4. O Homem como ser em ação.¹⁴

O presente capítulo ocupará-se com a contribuição de Gehlen

10. É interessante observar que Gehlen não estabelece distinção entre os aspectos sócio-cultural e espiritual do homem.

11. Cf.: Gehlen (76c): p.p. 12 e 19.

12. Para o conteúdo deste capítulo, cf.: Gehlen (76c): p.p. 14-6.

13. Cf.: DTV-Lexikon (80): vol. 16, p.p. 108-9.

14. Para o conteúdo deste capítulo, cf.: Gehlen (76c): p.p. 16-9.

à sua disciplina. Para tanto, será retomada a descrição de suas concepções próprias, iniciada nos dois últimos parágrafos do capítulo segundo.

Gehlen não apenas defende, como estende e aplica de fato à Antropologia Filosófica o ponto de vista, a meu ver extravagante, segundo o qual a Filosofia é uma ciência empírica. Coerente com sua posição, ele procura afastar da Antropologia Filosófica toda pergunta por ele considerada metafísica, não passível de resposta empiricamente verificável. Também deste ponto de vista decorre seu constante recorrer, na fundamentação de seus argumentos e teses, aos resultados das ciências experimentais, especialmente da Biologia.

Seu objetivo, a construção de uma ciência do homem, Gehlen julga poder alcançá-lo adotando duas teses de Scheler e a elas acrescentando uma sua. As teses de Scheler são: primeiro: a da abertura humana para o mundo, segundo: a da comparação entre os animais e o homem, como ponto de partida mais adequado à investigação deste. A sua própria, sob influência confessa do pragmatismo filosófico de origem americana, é a tese do homem como ser em ação.

Gehlen parece crer em uma superação inevitável da visão dualista do homem, se o considerarmos como ser em ação. Para ele, é atra-

vés da atividade junto à matéria, transformando-a de acordo com suas necessidades, que o homem se constitui em ser espiritual, diverso dos outros animais. Como a ação, porém, é para Gehlen inerente à natureza humana, então não haveria, para o homem, contradição possível entre o que nele é natureza e o que é espírito.

Por outro lado, o agir humano, que gera a distância progressiva em relação aos outros animais, pressupõe o que, segundo Scheler, é a abertura especificamente humana para o mundo. Admiti-la não significaria, portanto, afirmar, como Scheler, a existência de uma dicotomia entre os aspectos natural e espiritual do homem.

5. O Resultado da ação humana: a cultura.

Produto da ação modificadora do homem sobre a natureza, a cultura é considerada, por Gehlen, como o espaço e o ambiente únicos de vida possível para o ser humano.

De acordo com ele:

*"Infolge seiner organischen primitivität und Mittellosigkeit ist der Mensch in jeder wirklich natuerlichen und urwuechsigigen Natursphaere lebensunfaehig. Er hat also den Ausfall der ihm organisch versagten Mittel selbst einzuholen, und dies geschieht, indem er die Welt taetig ins Lebensdienliche umarbeitet."*¹⁵

15. Gehlen (76b): p. 37.

"O homem, devido ao seu primitivismo orgânico e à sua falta de recursos, é, em qualquer ambiente natural, que realmente o seja em estado de origem, incapaz para a vida. Ele tem, pois, de recuperar, por si, o déficit dos meios orgânicos que lhe faltam, e isto ocorre na medida em que, ativo, ele refaz o mundo, torna-o útil à vida."

Ainda segundo Gehlen:

"Der inbegriff der von ihm (dem Menschen) ins Lebensdienliche umgearbeiteten Natur heisst Kultur, und die Kulturwelt ist die menschliche Welt. Es gibt fuer ihn keine Existenzmoeglichkeit in der unveraenderten, in der nicht 'entgifteten' Natur, und es gibt keinen 'naturmenschen' im Strengen Sinne..."¹⁶

"A quintessencia da natureza, que o homem refez e tornou útil à vida, chama-se cultura, e o universo da cultura é o universo humano. Na natureza não modificada, não 'desenvenenada', não existe, para o homem, nenhuma possibilidade de vida, e não existe, em sentido estrito, nenhum 'homem natural'..."

6. Arnold Gehlen: breve nota bibliográfica.¹⁷

Nascimento: Leipzig, Alemanha, a 29/01/1904.

Estudos pré-universitários: Leipzig.

Estudos universitários: Leipzig e Colônia.

Atividades docentes: professor, inicialmente de Filosofia, depois de Psicologia e Sociologia nas Universidades de Leipzig, Koenigsberg e Viena, na Escola Superior de Administração em Speyer, e, finalmente, na Escola Técnica Superior de Aachen, onde se aposentou em 1969.

Obra mais importante: publicada pela primeira vez em 1940 com o título: "Der Mensch" (O Homem) e o subtítulo: "Seine Natur und seine Stellung in der Welt" (Sua natureza e sua posição no mundo).

Morte: Hamburgo, Alemanha, a 30/01/1976.

16. Ibid.: p. 38.

17. Cf.: DTV — Lexikon (80): vol. 7, p.p. 151-2 e Gehlen (75a): p. 144.

BIBLIOGRAFIA

- Benedict, R. (s/d): **Padrões de cultura**, Livros do Brasil, Lisboa, (s/d).
- Brugger, W. (62): **Dicionário de Filosofia**, Herder, São Paulo, 1962.
- Cunha, A.G. da (82): **Dicionário Etimológico Nova Fronteira**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.
- Descartes, R. (53a): Discours de la méthode, in: **Oeuvres et Lettres**, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1953, p.p. 125-79.
- Descartes, R. (53b): Méditations, in: **Oeuvres, et lettres**, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1953, p.p. 267-334.
- DTV – Lexikon** (80): 20 vol., Deutscher Taschenbuch Verlag, Muenchen, 1980.
- Gehlen, A. (76a): **Anthropologische Forschung**, Rowohlt, Reinbeck bei Hamburg, 1976.
- Gehlen, A. (76b): **Der Mensch**, Athenaeon, Wiesbaden, 1976.
- Gehlen, A. (76c): Zur Geschichte der Anthropologie, in: **Anthropologische Forschung**, Rowohlt, Reinbeck bei Hamburg, 1976, p.p. 7-25.
- Mondin, B. (83a): **Introdução à Filosofia**, Paulinas, São Paulo, 1983.
- Mondin, B. (83b): **O Homem quem é ele?: Elementos de Antropologia Filosófica**, Paulinas, São Paulo, 1983.